

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA

ELISABETE SOUZA NETO

**EXISTEM ESTRATÉGIAS PARA “ALUNOS PROBLEMAS” NA ESCRITA E
NA LEITURA?**

**Que fatores interferem na aprendizagem dos “alunos problemas”?
Quais os problemas de aprendizagem dos “alunos problemas”
apontados na escola? Que soluções a escola apresenta para minimizar
os problemas de aprendizagem dos “alunos problemas”?**

PORTO ALEGRE-RS

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA

ELISABETE SOUZA NETO

**EXISTEM ESTRATÉGIAS PARA “ALUNOS PROBLEMAS” NA ESCRITA E
NA LEITURA?**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAGED/UFRGS.

Orientadora:

Professora Dra. Rosimeri Aquino da Silva

PORTO ALEGRE-RS

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretora Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na
modalidade a distância/PEAD:** Profas.:

Rosane Aragón de Nevado

Marie Jane Soares Carvalho

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, ao meu pai, à minha família e à minha orientadora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, fonte de amor e sabedoria, pela vida, por ser meu refúgio, minha força e meu amparo, tanto nos momentos de alegria, como nas tribulações.

Aos meus pais Otávio e Petronília (in memória) que me ensinaram a buscar incessantemente o lugar ao sol através do conhecimento.

À minha família, ao meu filho Leonardo pela minha confiança adquirida na tecnologia e especialmente ao meu esposo Roberto que soube entender ao longo dos quatro anos e meio de vida acadêmica os percalços que tivemos. Pela grande força e pelos inúmeros aumentos de ausência acalentados pelos sorrisos dos reencontros.

À nossa professora orientadora, Rosimeri Aquino da Silva e a tutora Luciane Machado.

Aos nossos professores pelo companheirismo durante os quatro anos e meio de curso.

A todos os colegas da graduação, por caminharmos juntos colaborando mutuamente para a construção de um novo olhar para a educação.

A todos, que direta ou indiretamente contribuíram para que este trabalho fosse concebido.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA

ELISABETE SOUZA NETO

**EXISTEM ESTRATÉGIAS PARA “ALUNOS PROBLEMAS” NA ESCRITA E
NA LEITURA?**

"Você não pode ensinar nada a um Homem: você pode apenas ajudá-lo a encontrar as respostas dentro de si mesmo."
(Galileu Galilei).

“A mais nobre aquisição da humanidade é a fala; e a arte mais útil é a escrita. A primeira distingue eminentemente o homem da criatura bruta; a segunda, dos selvagens sem civilização”. Astle.

RESUMO

A leitura é um processo de compreensão abrangente que envolve aspectos sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos. Para que a criança adquira os símbolos gráficos, ela precisa ter uma perfeita integridade sensorial e também a capacidade de integrar experiências não verbais, isto é, diferenciar um símbolo do outro, atribuir-lhe significado e retê-lo. Ao adquirir a linguagem auditiva, a criança vai diferenciar, por exemplo, o símbolo 'casa' de outros símbolos que ouve e vai associar essa unidade auditiva ao objeto, assim torna-se capaz de recordá-lo ao falar com outras pessoas no futuro. Quando a criança não consegue reter e integrar na sua experiência o que ouve e vê, pode-se esperar que ela venha a manifestar dificuldades na leitura. As dificuldades de aprendizagem estão presentes no discurso de diversos professores alfabetizadores quando alguma criança não avança na aprendizagem da leitura e da escrita. Apesar disso os aportes teóricos existentes sobre o que elas são, pertencem a áreas tais como Psicologia, Psicopedagogia e mesmo Medicina, tomando essas dificuldades de maneira restrita a esses campos, quando nos falta uma fundamentação que as trate segundo uma perspectiva pedagógica, conforme constatamos em nossa pesquisa. A partir dos estudos de Vygotsky (1997) acreditamos que as dificuldades de aprendizagem podem ser ressignificadas teoricamente, quando consideramos que a elas se dão na interação entre alunos e professores em situações objetivas de ensino aprendizagem planejadas sistematicamente pelo professor (o outro mais experiente). Dessa forma, também as dificuldades são frutos dessas interações. Por outro lado, a compreensão do que é alfabetização também afeta como se entende as dificuldades de aprendizagem nesse processo. Nesse sentido, nos baseamos, principalmente, na psicogênese da língua escrita (1985) que explica como a criança aprende a ler/escrever.

Palavras-chave: dificuldades de aprendizagem; alfabetização; "aluno problema".

ABSTRACT

Reading is a process that involves comprehensive understanding of sensory aspects, emotional, intellectual, physiological, neurological, as well as cultural, economic and political. For the child acquires the graphic symbols, it must have a perfect sensory integrity and also the ability to integrate non-verbal experiences, ie, a symbol to differentiate from each other, give it meaning and retain it. At the hearing acquire language, children will distinguish, for example, the symbol "home" for other symbols that hears and will associate this audio unit to the object thus becomes able to remember it when talking with others in the future. When the child can not retain and incorporate in your experience what you see and hear, you can expect that it will have difficulties in reading. Learning difficulties are present in the speech of many literacy teachers when a child is not progressing in reading and writing. Nevertheless the existing theoretical contributions on what they are, belong to areas such as Psychology, Educational Psychology and Medicine even taking these difficulties in a way restricted to these fields, when we lack a rationale that the second case an educational perspective, as found in our research. From the studies of Vygotsky (1997) believe that learning disabilities can be resignified theoretically, when you consider that they occur in the interaction between students and teachers in objective situations of teaching and learning systematically planned by the teacher (the other more experienced). Thus, also the difficulties are the result of these interactions. On the other hand, the understanding of what literacy also affects how we understand the difficulties of learning this process. Accordingly, we rely primarily on written language psychogenesis (1985) that explains how the child learns to read / write.

Keywords: learning disabilities, literacy; "Student problem."

SUMÁRIO

1 CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA	10
2 CAMINHO DA PESQUISA	11
3 O ALUNO PROBLEMA	13
4 RAZÕES DAS ESCOLHAS	17
5 COLETA DE DADOS	21
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
7 REFERÊNCIAS	31
8 ANEXOS	34
ANEXO 1	35
ANEXO 2	38
ANEXO 3	41
ANEXO 4	44

1 CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Este trabalho tem por objetivo discutir sobre os problemas de aprendizagens e buscar subsídios para entender e ajudar o aluno que se encontra desajustado tendo como ponto de partida a diagnose dos alunos e professores, os quais são sujeitos ativos do processo ensino-aprendizagem. O motivo que nos moveu a escolha desse tema foi verificar com mais profundidade as perspectivas teóricas e práticas que ressaltam a importância da sua atuação na cultura organizacional da escola.

Visa também repensar uma questão que se faz necessária ser discutida, pela sua relevância, em possibilitar ações e reflexões em torno dos alunos com dificuldades de aprendizagem, para que os mesmos tenham capacidade de aprender.

É imprescindível a compreensão do educador sobre os fatores que interferem na aprendizagem do aluno, refletindo constantemente as questões internas (cognitiva, psicomotora e afetiva) e externas (escola, família) que atingem o processo de construção do conhecimento.

No entanto, o que se percebe é que há pouca atenção à afetiva aprendizagem do aluno no momento em que professores e alunos interessam-se somente pela aprovação ou reprovação.

Diz PAIN (1992 p.12) “A função da educação pode ser alienante ou libertadora, dependendo de como for usada, quer dizer, a educação como tal não é culpada de uma coisa ou de outra, mas a forma como se instrumente esta educação pode ter efeito alienante ou libertador”.

2 CAMINHO DA PESQUISA

Compreender o nível de aprendizagem através da retenção ou aprovação do aluno implica enfatizar a aprendizagem mecanizada, que não tem significado nem estímulo para o aluno descartando dele qualquer possibilidade de análise, raciocínio e relacionamento entre idéias, coisas e acontecimentos. Sendo que esta atitude não contribui para o aprendizado, ao contrário, prejudica.

Portanto, é necessário salientar os fatores internos e os externos que influenciam significativamente pelo insucesso do aluno na escola, como por exemplo, a dificuldade de ensinar, pois é primordial que o educador conceba a educação com um olhar voltado para o desenvolvimento do sujeito, possibilitando-o de desenvolver a capacidade de encontrar respostas para seus problemas, tornando-o responsável e, conseqüentemente, agente de seu próprio processo de aprendizagem.

Neste sentido, estudar e investigar sobre a temática proposta é importante porque é preciso que se pense sobre a prática pedagógica, fazendo da instituição escolar um lugar que não se centralize exclusivamente nas aquisições intelectuais, concedendo maior atenção ao desenvolvimento de capacidades emocionais, sociais e afetivas, propiciando ao educador entender que o conteúdo programático não é um fim em si mesmo, mas apenas um dos elementos que formam o conhecimento e a construção do pensamento.

Assim, GAGNÉ (1974) em seu texto sobre como Realizar a Aprendizagem diz: “a experiência é o maior dos mestres”, desse modo os acontecimentos vividos pelos sujeitos em desenvolvimento, em sua casa, em seu meio geográfico, na escola, determinarão o que ele vai aprender e, também, em grande parte, a espécie de pessoa que se tornará.

Em meados de 1980 alguns estudos contribuíram para mudança da forma em que se concebe o processo de alfabetização. Tais estudos foram assim resumidos por Lopes (2003) como sendo as seguintes: as pesquisas desenvolvidas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985), a partir de estudos sobre a psicogênese da língua escrita com sujeitos que conseguiam avançar na sua aprendizagem; estudos feitos na área da lingüística que passaram a conceber a produção/compreensão de textos como ação humana de simbolização que se dá na interação ente sujeitos; a difusão das idéias preconizadas por Vygotsky e a abordagem histórico-cultural, na qual o sujeito é visto como aquele que aprende na interação com o outro e por meio de internalizações de práticas sociais historicamente concebidas.

A partir desses estudos, o processo de alfabetização passou a ser concebido enquanto processo específico de ensino-aprendizagem da língua escrita que, enquanto linguagem, se dá por meio dos seus usos sociais (SMOLKA, 1993). Nesse sentido, aprender a ler/escrever diz respeito tanto à apropriação do funcionamento do sistema alfabético, como também na apropriação dos aspectos usuais da escrita, o que envolve os suportes e gêneros textuais nas situações objetivas (LOPES, 2003). Essa inserção nos usos sociais da leitura e da escrita, enquanto parte do processo de alfabetização tem sido chamada no Brasil de letramento (SOARES, 2006; SOARES, 2007).

Durante o processo de alfabetização, o sujeito elabora hipóteses a respeito da escrita buscando responder o que é o que representa e como representa, ou seja, como funciona o sistema alfabético, partindo de uma hipótese pré-silábica, que surge com a diferenciação da escrita do desenho (não icônico e icônico, respectivamente) até atingir a hipótese alfabética, atribuindo grafemas na representação dos fonemas. (FERREIRO e TEBEROSKY, 1985; FERREIRO, 2001).

3 O ALUNO PROBLEMA

Minha experiência em sala de aula revela que as crianças com dificuldades de aprender sofrem preconceitos por parte de seus professores, tais como: pouca atenção destes, falta de estimulação e de compreensão, quando ao contrário para essas crianças, deveria haver mais atenção, mais preocupação dos professores em saber o porquê da dificuldade.

Logo é através das experiências, do conhecimento de cada um, construído nas relações com os outros, e com o ambiente que elaboramos e reelaboramos idéias sobre as situações complexas que surgem no nosso cotidiano, desse modo, não é possível conceber a aprendizagem como um processo mecânico, automático.

No entanto, há ênfase em se pensar que o processo de aprendizagem acontece através da transmissão de conhecimento, não havendo interesse ou talvez consciência da necessidade de ampliar o potencial do educando, trabalhando conteúdos que sejam significativos e utilizando metodologias que possibilite ao aluno fazer relação entre o que se está aprendendo e a sua vida.

Outro fator em questionamento é a afetividade, no que se refere à relação professor e aluno, que precisa ser dialógica, pois sabemos que a proximidade e a confiança entre ambos são fatores que possibilitam ao educador perceber as necessidades do aluno e reformular sua prática para uma eficiente aprendizagem e, para o aluno, permite expor seus questionamentos e anseios.

Assim, na perspectiva de tornar indivíduos críticos, capazes de construir e reconstruir conhecimentos busca-se sensibilizar educadores para uma constante reflexão e tomada de atitude frente à determinados comportamentos do aluno no seu dia-a-dia.

Outra questão foi saber como a escola pode realizar trabalhos e ampliar sua orientação pedagógica, principalmente em torno dos professores, para saber como lidar, da melhor forma possível, com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Segundo MORAIS (1997, p. 30): Neste momento, é necessário que tanto os professores como os demais responsáveis pelo processo de aprendizagem, se questionem acerca dos fatores que podem está contribuindo para que o aluno não consiga aprender.

Para o autor, é importante que exista uma preocupação do professor em determinar precocemente a causa da dificuldade apresentada pelo aluno.

Acreditamos que neste processo de diagnóstico o professor é um elemento que possui um papel de destaque. A ele cabe o reconhecimento das crianças com dificuldades de aprendizagem, já que o primeiro elo neste processo de ensino é o professor.

Envolvemo-nos com o estudo desta temática, mediante uma situação natural de trabalho e de vida, refletindo acerca das ações pedagógicas dos professores, de como esses tratam e se relacionam com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Esse estudo é relevante, uma vez que pode impulsionar gestores e professores a atentar para os alunos com dificuldades de aprendizagem e terem a capacidade de valorizá-los.

É nas mínimas atenções e em simples olhares motivadores, que se estimulam alunos com ritmo lento para aprender. Estes estímulos poderão levá-los a ter motivação para aprender, ainda que com dificuldades de aprendizagem.

Observamos que há uma ênfase em se pensar que o bom aluno é somente aquele que consegue tirar boas notas, e os alunos com dificuldades de aprendizagem acabam sendo excluídos, não havendo consideração e

interesse sobre suas vidas, em querer saber o porquê da dificuldade apresentada por esses alunos, seus desafios e estratégias.

Pain (1992), por exemplo, considera que quatro fatores principais se entrelaçam na produção dos problemas de aprendizagem: fatores orgânicos, específicos, psicógenos e ambientais, os quais, se entrelaçam e podem gerar as dificuldades. Se, por outro lado, existirem limitações orgânicas, mas a criança tiver uma educação adequada, ela acabe mesmo não desenvolvendo um problema de aprendizagem.

É, precisamente, a concepção de aprendizagem para Vygotsky (2007), que nos fornece um novo aporte para análise e ressignificação das dificuldades. Para ele a aprendizagem se dá na interação com o objeto de conhecimento mediada pelo outro mais capaz e a linguagem. No contexto da sala de aula o objeto é a escrita e a mediação é realizada pelo professor, enquanto esse outro mais capaz.

Segundo JOSÉ apud COELHO (1996 p. 23): Ao educador cabe detectar as dificuldades que aparecem na sala de aula e, investigar de forma ampla, que abranja aspectos orgânicos, mentais, psicológicos adicionados á problemática em que a criança vive.

Portanto, é a partir destas questões norteadoras que desenvolvemos a pesquisa a fim de encontrar respostas fundamentadas ao tema em discussão.

Existem estratégias para "alunos problemas" na leitura e na escrita?

Assim, considerando todo o contexto apresentado, foi estabelecida a seguinte questão de pesquisa:

- Que fatores interferem na aprendizagem dos "alunos problemas?"

A partir dessa questão, identificam-se as seguintes questões específicas:

- Quais os problemas de aprendizagem dos "alunos problemas" apontados na escola?

- Que soluções a escola apresenta para minimizar os problemas de aprendizagem dos “alunos problemas”?

Nesse contexto, parte-se da hipótese que diversificando, refletindo, inovando metodologias para atender as necessidades individuais dos alunos, seja uma constante para se obter o sucesso esperado.

Portanto, este projeto tem como objetivo geral: Analisar os fatores que interferem na aprendizagem dos alunos.

Decorrentes desse objetivo geral propõem-se os seguintes objetivos específicos:

- Caracterizar os problemas de aprendizagem dos alunos apresentados pela escola.
- Refletir acerca das sugestões apontadas pelo professor para minimizar os problemas de aprendizagem, identificado nos alunos.

4 RAZÕES DAS ESCOLHAS

A fim de atender ao objetivo dessa investigação que se propõe analisar, de forma compreensiva e aprofundada das estratégias e causas da repetência e distorção idade-série nas primeiras séries do ensino fundamental, na escola pública municipal Barão do Rio Branco, situada no bairro Pinheiros em São Leopoldo, optei pelo método descritivo com a utilização das técnicas de observação e entrevistas que evidenciam dados relevantes para a pesquisa. Tive contato direto com os sujeitos (professor e alunos) que desenvolvem o processo ensino-aprendizagem e com o ambiente (Escola Municipal Barão do Rio Branco) onde atuam esses sujeitos, buscando analisar através das entrevistas as implicações que surgem como obstáculos para a interrupção do aprendizado com sucesso.

ANDRÉ (1995, p. 28) afirma que: “a observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetada e as entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados”.

Dessa forma, realizei a pesquisa na Escola Municipal de Ensino Fundamental Barão do Rio Branco, localizada há 3km do centro da cidade, bairro de classe média-alta, de fácil acesso com transporte coletivo bem próximo. Porém a maioria dos alunos são oriundos da periferia em condições econômica precária, com moradias em situação ilegal, vivendo de sub-ocupações (poceiros) ficando portanto às margens do mercado formal. Localizada na Rua Valdomiro Vieira, nº 50, bairro Pinheiros em São Leopoldo.

Atende alunos da Educação Infantil de 4anos etapa I de 5anos etapa II, 1º, 2º, 3º, 4º, 5º anos e 5ª série do ensino fundamental. Período da noite com a EJA - Atende os alunos na etapa mista III e IV e etapa V.

A turma em questão, 2 A 4, (2º Ano do Ensino Fundamental de 9 Anos), é composta de treze(13) meninos e seis(06) meninas, com idades entre sete(07) e onze anos(11), totalizando dezenove(19) alunos. Destes, dois com múltipla repetência e cinco inclusões aparente. Um dos alunos (múltipla repetência) é assistido e tem acompanhamento psicológico (PIPAS) Unisinos, e os outros têm encaminhamento para o NAPPI.

As famílias são na sua maioria de nível sócio-econômico baixo, com raras exceções. Os pais pouco se interessam participando pouco ou quase nada da vida escolar dos alunos.

Na aprendizagem apresentam sérias dificuldades, principalmente aos que visivelmente são observadas falhas na fala e comunicação em geral. Em relação à disciplina a turma é em geral bastante agitada e apresenta dificuldades em concentração, porém nada alarmante. Acredito que isto acontece em relação à heterogeneidade, tanto na idade quanto no sexo (maioria meninos).

A admissão dos alunos na escola são critérios utilizados pela rede municipal que é o zoneamento.

Na metodologia adotamos o estudo da abordagem qualitativa descritiva, a qual, segundo TEIXEIRA (2000, p. 72) “caracteriza-se pelo desejo de conhecer uma comunidade, seus traços característicos, suas gentes, seus problemas, seu cotidiano”.

Para a autora, é uma abordagem que se baseia no estudo do cotidiano, no caso de minha pesquisa (a sala de aula), nos indicando a necessidade da descoberta, de como algo que aparece, surge da relação professor x alunos e que precisa ser investigado para sabermos encontrar os significados.

Nesse sentido, fiz um estudo de caso, porque a minha investigação baseou-se na coleta de dados, procurando conhecer amplamente aspectos e características da escola pesquisada.

A preocupação central deste trabalho foi pesquisar uma questão bastante discutida em educação, dificuldade de aprendizagem, em “alunos problemas”. Aqui estamos categorizando como sinônimo de problemas de aprendizagem. Todavia, utilizamos no decorrer deste trabalho a expressão dificuldade de aprendizagem.

Em definição sobre dificuldade de aprendizagem, CUBERES (1997, p. 135), diz que: Uma criança apresenta dificuldade de aprendizagem quando existem obstáculos ou impedimentos no processo normal de aprendizagem, podendo ser inerentes à criança tais dificuldades. As mesmas têm origem física ou psíquica, podem ser causadas por sua interação com o ambiente familiar, pelo meio sócio-econômico-cultural que a rodeia ou pela forma em que os adultos lhes transmitem os processos mediante os quais a criança têm acesso à aprendizagem.

Para a autora, esses obstáculos nada mais são do que barreiras que impedem que essas crianças avancem no processo de ensino-aprendizagem. Essas barreiras podem ser provenientes, por exemplo: da falta de estimulação adequada por parte dos professores; de métodos inadequados de ensino os quais não levam em consideração o cotidiano do aluno; de problemas emocionais que podem estar ligados ao próprio ambiente familiar em que a criança vive; da falta de maturidade do aluno às vezes até por estar em uma série avançada para sua faixa etária. A dislexia é uma das dificuldades de aprendizagem mais freqüente na escola. Trata-se de dificuldades de leitura e conseqüentemente de escrita que crianças apresentam apesar do nível de inteligência ser normal ou estar acima da média.

Além desses obstáculos ou impedimentos à aprendizagem existe um outro quadro que apresenta, diversas dificuldades de ordem motora, dificuldades de linguagem e lentidão para a escrita e leitura. Mas, utilizaremos apenas o termo dificuldade de leitura.

Segundo MORAIS (1997, p. 20), “a leitura envolve, primeiramente, a identificação dos símbolos impressos (letras, palavras) e a relação existente entre estes símbolos e seus respectivos sons”.

No início do processo de aprendizagem, a criança tem que visualizar cada letra e, perceber que cada uma delas apresenta um som diferente.

Quando por exemplo, a letra “m” é visualizada, esta deve ser relacionada com o seu respectivo som, ou seja, /m/.

A criança conseguirá ler, se fizer a associação entre palavra impressa e som. A esta associação chama-se decodificação que é essencial para que a criança aprenda a ler. No entanto, só a decodificação dos símbolos impressos não basta, é necessário que exista também o entendimento e compreensão do que está sendo lido.

A compreensão é fazer a associação das palavras decodificadas com seus respectivos objetos. Exemplo: se a criança ler a palavra “gato”, esta deverá associar ao animal “gato”.

Neste contexto CAGLIARI (1997, p. 57) diz que: “A leitura é uma atividade extremamente complexa, que envolve problemas semânticos, fonéticos e também culturais, ideológicos e filosóficos”.

Com esta afirmação, o autor evidencia que a leitura é uma análise crítica em torno das palavras escritas que foram decodificadas e compreendidas.

5 COLETA DE DADOS

Visando explicitar quais foram os pressupostos que orientou este trabalho, o próximo capítulo apresenta a fundamentação teórica. Nesse sentido, pudemos constatar a partir das falas das professoras entrevistadas, que há uma grande proximidade de suas concepções em relação àquelas que consideram as dificuldades cujas causas são biológicas, uma vez que são as crianças, segundo essas professoras, as principais responsáveis pelas suas não aprendizagens.

Termos como “incapacidade”, “problemas de percepção”, “anormalidade”, “deficiência”, “dislexia”, “déficit de atenção”, “hiperatividade”, “questões neurológicas”, “dificuldade de associação de letra e fonema”, “desestímulo”, “distúrbio”, “descontrole emocional” foram freqüentes nas falas das professoras.

As principais causas apontadas por essas professores são de cunho biológico (distúrbio, dislexia, déficit de atenção, hiperatividade, “questão neurológica”) e emocional. Mas outras causas também são apontadas pelos outros sujeitos: falta de integração com a turma, pobreza, falta de comida, falta de estímulo etc., mas a principal causa, que se encontra na fala de todas as professoras é a família, mostrando que, a teoria do déficit, que predominou no cenário dos estudos das dificuldades na década de 1960 nos Estados Unidos e 1970 no Brasil, ainda está presente nas concepções empíricas atuais para o fracasso escolar.

Nas observações e nas respostas das professoras questionadas teve uma ênfase em se pensar que o bom aluno é somente aquele que consegue tirar boas notas, e os alunos com dificuldades de aprendizagem acabam sendo excluídos, não havendo consideração e interesse sobre suas vidas, em querer saber o porquê da dificuldade apresentada por esses alunos, seus desafios e estratégias.

Alguns professores acreditam que tais alunos não possam demonstrar a capacidade de entender o que está sendo ensinado e, acabam sendo julgados segundo a idéia pessoal do professor.

Por vezes observamos atitudes preconceituosas, pré-concebida em relação aos alunos com dificuldades de aprender ou “alunos problemas” com dificuldades de aprender, e as manifestações desse preconceito, em certas ocasiões são veladas, dissimuladas. É muito difícil alguém assumir que tem preconceito.

Mesmo quando os professores têm uma atitude afetiva em relação a esses alunos, é possível questionar se eles realmente acreditam que venham aprender, que sejam capazes de ter um nível de aprendizagem coerente com novas possibilidades.

Segundo JOSÉ apud COELHO (1996 p. 23): Ao educador cabe detectar as dificuldades que aparecem na sala de aula e, investigar de forma ampla, que abranja aspectos orgânicos, mentais, psicológicos adicionados á problemática em que a criança vive.

A problemática em questão nos motivou a buscar respostas para as seguintes perguntas: o que significa para o professor “um bom aluno” e “aluno problema”?

Como nós professores tratamos nossos “alunos problemas” com dificuldades de aprendizagem? O que fazer para instrumentalizar professores para lidar com dificuldade de aprendizagem?

Desse modo, objetivamos identificar como a escola lida com “alunos problemas” com dificuldades de aprendizagem.

A coleta de dados foi operacionalizada por duas técnicas: a entrevista e a observação em sala de aula, especificamente, com a turma 2 A 4 que apresenta todas estas características até aqui apresentada.

Que tipo de tratamento os professores têm em relação a seus alunos e que tipo de medida a escola poderá tomar para capacitar professores para lidar com “alunos problemas” com dificuldade de aprendizagem.

Sendo assim, entrevistamos algumas professoras da escola municipal Barão do Rio Branco, relativo a aprendizagem desses alunos e professores que tem um trabalho diferenciado para atendê-los, oferecidos pelo município na escola.

A observação atentou para os seguintes aspectos:

- Como se comportam as professoras com relação aos alunos com dificuldades de aprendizagem.
- Que estratégias utilizam para lidar com estes alunos.
- Quais os reflexos destas atitudes e estratégias no comportamento dos alunos.

Para a coleta de dados utilizou-se a técnica da observação com o intuito de conhecer a estrutura física da escola, que recursos tecnológicos oferecem aos alunos e quais as atividades realizadas no interior da escola.

Além da observação tomamos como procedimento também a entrevista de maneira dirigida e guiada com professoras das séries iniciais do ensino fundamental com perguntas pré- formuladas foi orientada no sentido de permitir a flexibilidade com a introdução de novas questões ou reformulação das mesmas quando isso se tornou necessário.

Como fica evidenciado na fala da professora (A) entrevistada: *“São vários os fatores que levam o aluno a não aprender, dentre eles, fatores sociais e psicológicos. Eles são muito carentes, a maioria dos pais são separados e, muitas vezes, a própria escola não é um ambiente agradável ao aluno.*

ARPINI (1995) aponta que o preconceito está presente como uma marca forte na análise dos professores: as crianças não aprendem ou são lentas porque são pobres, falta carinho, os pais não dão atenção porque trabalham fora, não tem tempo para os filhos ou são alcoólatras. Esse discurso na escola torna-se homogêneo e quando não se pára para refletir torna-se verdadeiro. Nesse vaivém à caça dos culpados, quando não são as crianças as “culpadas” pelo fracasso escolar é a própria família.

Dessa forma, fica difícil enxergamos o problema num contexto mais amplo. Segundo ARPINI (1995), a individualização da problemática tem dificultado compreender o que se passa e de construir estratégias para o encaminhamento.

Os professores consideram que a causa dos erros cometidos pelos alunos se deve à falta de conhecimento para o qual preconizam a terapia clássica de repetição da explicação e dos exercícios. Este conceito é fruto da teoria de Piaget, que oferece uma discriminação extremamente interessante sobre o desenvolvimento cognitivo do ser humano, dentro de uma concepção construtivista do processo de aprendizagem. Erros construtivos são aqueles que permitem ao professor observar o percurso intelectual do aluno. Quando são discutidos com a criança, ela também pode acompanhar seu próprio desenvolvimento. O erro construtivo indica a hipótese que a criança faz sobre determinado problema. Esse diálogo vai gerar o desenvolvimento cognitivo da criança. Erros por falta de informações:- no que se refere a um conhecimento das normas ou convenções (como em alguns casos tornam-se “alunos problemas”).

Em tais pesquisas, as explicações apontadas para o problema deste fracasso escolar dizem respeito à condição econômica da família.

Segundo Paín (p.33, 1985) o fator ambiental é especialmente determinante no diagnóstico do problema de aprendizagem, na medida em que nos permite compreender sua coincidência com a ideologia e os valores vigentes no grupo.

Os problemas de “alunos problemas” na aprendizagem podem ocorrer tanto no início como durante o período escolar. Surge em situações para cada aluno, o que requer uma investigação no campo em que ele se manifesta. Qualquer problema de aprendizagem implica um trabalho amplo, trabalho do professor junto a família da criança para analisar situações e levantar características visando descobrir o que esta representando dificuldade ou empecilho para que o aluno aprenda.

Sob este aspecto é importante o professor estar atento aos seus alunos, procurando interagir com eles na intenção de saber sobre seu lado familiar, como vivem e o seu dia - a - dia na comunidade. Adquirindo a confiança do aluno o professor poderá desvendar possíveis dificuldades na sua aprendizagem.

Sobre isso PAIN (1992 p.29-33), caracteriza os três principais fatores: Orgânicos, Psicológicos e

Ambientais.

- Fatores Orgânicos: saúde física deficiente, falta de integridade neurológica, alimentação inadequada...
- Fatores Psicológicos: inibição, fantasia, ansiedade, angústia, inadequação à realidade, sentimento generalizado de rejeição...
- Fatores Ambientais: tipo de educação familiar, o grau de estimulação que a criança recebeu desde os primeiros dias de vida, a influência dos meios de comunicação.

É necessário saber se a criança está bem alimentada, pois este se constitui um dos problemas básicos na capacidade de aprendizagem, bem como as condições de abrigo e conforto para o sono. Diante desse aspecto, sabemos que a criança do nosso país tem na merenda escolar, muitas vezes, a única refeição do dia, por este motivo tal programa assume uma importância vital para o desenvolvimento escolar do aluno.

É importante ressaltar que pobreza não é sinônimo de falta de inteligência, ou seja, essa situação econômica é reflexo da má distribuição de renda existente em nosso país. Rever a questão da exclusão social significa

revisar nossa postura, reconhecer a construção ideológica presente em nosso discurso, verificar rupturas, incoerências.

Passar de um olhar superficial para um olhar mais profundo, com os olhos de quem quer investigar, fazer diferentes leituras dos problemas. Pararmos de assumir o discurso do “outro”, assumir um lugar de autonomia, correr riscos. Para isto é preciso, como coloca FERNANDÉZ (1994, p.113), desativar a queixa e o aborrecimento para ativar a capacidade de perguntar.

Nossa formação tradicional e autoritária nos ensinou a trabalhar com o homogêneo, na perspectiva da certeza, do linear. Administrar o “caos”, lidar com o conflito tem sido difícil, mas chegar a isto é o desafio.

A busca da habilidade na leitura e na escrita também não deixa de estar atrelada à forma de interagir com os outros sujeitos da sociedade.

Tradicionalmente a aprendizagem da leitura escrita é concebida como processo desenvolvido necessariamente na escola. Em contrapartida tal concepção é discordante se compreendermos que vivemos em uma sociedade letrada onde propagandas verbais e não-verbais encontram-se presentes em todo lugar. A criança é sujeito participante em contato constante com esses materiais, os quais transmitem uma informação funcionando-os como meio de interação entre ela e o ambiente.

Ao estarem expostas a esses materiais desde o seu nascimento, podemos concluir que a criança inicia o seu processo de leitura e escrita antes da escolarização é a partir desse entendimento que VYGOTSKY apud REGO (1995,p.69) diz que o aprendizado da escrita é iniciado pela criança muito antes da primeira vez que o professor coloca um lápis em sua mão e mostra como formar letras.

No entanto, constatamos na fala da professora (B) entrevistada a dificuldade em aceitar isso, quando nos expõe os problemas detectados em seus alunos:

”Grande parte dos meus alunos não compreendem e não constroem o processo da leitura e escrita por não terem oportunidades de vivenciarem maior contato com os elementos alfabetizadores e devido a maioria dos alunos virem do seu lar”.

A idéia pertinente a esse modo de pensar fundamenta-se no controle do processo de alfabetização pela escola. Logo para ela a aprendizagem deve realizar-se na escola. Neste contexto, não se pode afirmar que existe uma idade definida e uma professora à sua frente para a criança aprender a ler e escrever. Em seu dia-a-dia ela está sempre se esforçando para compreender o mundo que a rodeia, levantando problemas e buscando descobrir respostas que respondam seus questionamentos, adquirindo maneira de se relacionar com o mundo. A busca da habilidade na leitura e na escrita também não deixa de estar atrelada à forma de interagir com os outros sujeitos da sociedade.

Logo, é importante que a escola venha influenciar na criança o processo de construção de conhecimento nas relações com o ambiente, descartando a idéia de oferecer respostas elaboradas, prontas, mas aproveitar o nível de desenvolvimento e conhecimento abstraído das experiências.

Neste sentido ALMEIDA (1992, p.65), defende: *A escola como um todo, currículos e método de ensino devem se adaptar não só às características de cada grupo social, mas a cada criança, na sua individualidade, nos seus sucessos e fracassos, numa relação dialética entre as condições sociais e as pessoais.*

O desenvolvimento pleno do ser humano depende do aprendizado que realiza num determinado grupo cultural, a partir da interação com outros indivíduos de sua espécie, isso significa que o ambiente o qual estamos inseridos e as pessoas com quem convivemos são aspectos imprescindíveis para o nosso processo de desenvolvimento.

Outras concepções estão presentes nos relatos da professora(C) entrevistada quando defende algumas posturas adotadas para minimizar o problema de insucesso do “aluno problema” na escola:

Capacitação profissional:

“O professor é trabalhado a partir da formação continuada para que sua prática em sala de aula atenda as necessidades do aluno”.

Currículos:

“O trabalho desenvolvido na escola (Mais Educação) parte da vivência e interesse do aluno”, como a dança, judô, capoeira, etc.

Metodologia:

Utilizamos outras metodologias como: trabalho em equipe, pesquisas, vídeos, gincanas e outras, de maneira que desperte no aluno a curiosidade e o interesse para construir ou reconstruir seu conhecimento.

Avaliação:

Avalio meus alunos de forma qualitativa, considerando seus aspectos cognitivos. Essa avaliação é constante e concomitante ao processo de ensino-aprendizagem.

A partir desses depoimentos podemos perceber que a escola em estudo não valoriza apenas o nível de desenvolvimento real, mas considera também em sua prática pedagógica, o nível de desenvolvimento proximal ou potencial que se refere àquilo que a criança é capaz de fazer, só que mediante a ajuda de outra pessoa, como por exemplo, dos adultos ou outras crianças mais experientes. Nesse caso, ao realizar tarefas em grupos, as crianças estão solucionando problemas através do diálogo, da colaboração, da experiência compartilhada e das pistas que lhe são fornecidas pelo professor que atua como mediador do processo ensino-aprendizagem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa possibilitou-nos visualizar de maneira crítica a questão do insucesso do “aluno problema” nas primeiras séries do ensino fundamental.

Muitos educadores atribuem a responsabilidade do insucesso do aluno à situação econômica; à família e a própria criança. No entanto, percebemos que o papel da escola em atender as necessidades do aluno não é questionado, compactuando com a concepção de que o aluno é que precisa adaptar-se a escola – padrão, onde quem não é capaz de responder às suas exigências não está pronto para acompanhar o processo de escolarização, como consequência ele é excluído do sistema escolar.

Porém, pensamos que a escola precisa estar voltada para os problemas de aprendizagem do educando a partir do conhecimento das especificidades de cada criança, padrões, valores, experiências, cultura e o significado que a escola pode ter para ela.

Dessa forma, os dados coletados nos mostram que compatibilizar a escola às necessidades do aluno é fundamental para minimização do problema de evasão e repetência, pois a escola pode tornar-se um ambiente significativo e prazeroso.

Na pesquisa realizada observamos que essa compatibilização se dá através da busca do conhecimento científico pelos professores nos cursos de formação continuada, possibilitando relacionar as experiências dos alunos às bases teóricas, conscientizando-os para a necessidade de estar elaborando projetos para a questão do letramento.

A exposição dessas propostas nos leva a compreender que há grande preocupação em devolver às crianças que apresentam distorção idade/série, o direito à educação que durante muito tempo lhes foi negado. É importante ressaltar também, a preocupação em estimular essas crianças à compreensão

e a interpretação de textos, fatos e acontecimentos e não se deter àquela concepção de que alfabetizar é decodificar símbolos, copiar letras, sílabas e palavras. Entendemos que essa postura é necessária, pois possibilita ao educando a liberdade de elaborar seus próprios conceitos e opiniões, que são atitudes primordiais para o exercício da cidadania.

Constatamos teoricamente que aprender a ler e escrever envolve aspectos do pensamento e da linguagem da criança, devendo o professor redimensionar sua prática pedagógica para este sentido, pois a grande dificuldade está em não saber como ativar o aspecto psicológico desses alunos para o domínio da leitura e da escrita, trazendo consequências muito sérias, ao perceber que os alunos concluem o ensino fundamental sem dominar adequadamente a leitura e escrita, implicando na existência de trabalhadores sem qualificação, desempregados e sem perspectivas sociais.

Dessa forma, nos dias de hoje, onde as sociedades do mundo inteiro estão interagindo (globalização), cada vez mais centradas na linguagem escrita, tanto na chamada cultura do papel, como na digital, ser alfabetizado não é apenas saber ler e escrever da maneira tradicional como vem sendo feito em algumas salas de aula, pois esta condição se revela insuficiente para corresponder às demandas contemporâneas. É preciso ir além do simples domínio da tecnologia escrita.

Neste sentido, faz-se necessário que os profissionais da área educacional, comprometidos com uma educação de qualidade, estejam refletindo sobre que concepção de escola está oferecendo à nossas crianças: se é a que aliena ou liberta, a fim de encontrar soluções para a aprendizagem e não apontar culpados desse processo, pois a única vítima é o aluno.

7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vera Maria de Moura. *Dificuldades Escolares e o Desenvolvimento da Criança*.

Revista Interação da Faculdade de Educação da UFG. n. 1-2, p. 61-66, jan./dez. 1992.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da Prática Escolar*. 6ª ed. Campinas: Papyrus, 1995.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. 10º ed. São Paulo: Scipione, 1997.

CUBERES, Maria Teresa Gonzáles. **Educação Infantil e Séries Iniciais: Articulação para Alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FERNANDÉZ, Alícia. *A Inteligência Aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família*. 2ª reed. Porto Alegre, 1991.

FERREIRO Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

GAGNÉ, Robert Millis. Como se realiza a aprendizagem. RJ: Livros Técnicos e Científicos S.A, 1974.

JOSÉ, Elizabeth et COELHO, Maria. **Problemas de Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1996.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2007.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MORAIS Antonio Manuel Pamplona. **Distúrbios da Aprendizagem: Uma Abordagem Psicopedagógica**. São Paulo: Edicon, 1997.

OLIVEIRA, Marta Khol. Desenvolvimento e Aprendizado. In: _____. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1993. p. 55-79.

PAIN, Sara. Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem. 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As Três Metodologias**. Belém: Gradil, 2000.

VYGOTSKY, Lev. Semenovich. **A Formação Social da Mente**. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

8 ANEXOS

ANEXO 1

Prezada Professora

Esta é uma pesquisa que contribuirá para o meu trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, conto com sua colaboração respondendo as questões abaixo:

ESCOLA: E.M.E.F. Barão do Rio Branco:

NOME: Flávia da Silva Cantanhede

IDADE: 47 anos

SERIE QUE LECIONA: 4º ano

GRAU DE ESCOLARIDADE: Pós graduada em Psicopedagogia

1. Qual sua opinião sobre estratégias para “alunos problemas” na escrita e na leitura?

É necessário ter estratégias diferenciadas, pois os alunos têm um ritmo de aprendizado com momentos particulares. Uns rápidos, outros lentos. Somados a isso, os problemas de saúde e/ou familiares.

2. Em sua opinião, quais os fatores que interferem na aprendizagem dos “alunos problemas”?

Penso que além do “timer”, as questões familiares e sociais. Alunos que necessitam de atendimento especializado, como fonoaudiólogo, psicológico, entre outros e a família simplesmente ignora ou alega que não tem tempo ou dinheiro.

3. Em sua opinião, por que isto ocorre?

A instituição “Escola” é fechada e quadrada. Todos os alunos devem aprender as mesmas coisas ao mesmo tempo.

4. A sua escola está preparada para trabalhar favoravelmente as dificuldades de aprendizagem desses alunos?

A escola, assim como os professores estão preparados e se empenham, mas às vezes não se obtêm os resultados necessários dentro do espaço de um ano letivo.

5. Quais problemas de aprendizagem seus alunos apresentam?

Interpretação e compreensão do que lêem. Interpretação de situações matemáticas.

6. Em sua opinião, isto ocorre?

Acredito que por falta do exercício em casa e também, porque o aluno (ou a escola) não relaciona o aprendizado da escola com o seu dia-a-dia.

7. Que atividades a escola oferece para minimizar estes problemas?

Estudos de Recuperação; Hora do Conto; Evam; Mais Educação.

Essas atividades proporcionam momentos diferentes de aprendizagem, que em médio prazo podem ser auxiliares na solução de alguns problemas.

8. Em sua opinião que sugestões você daria pra minimizar estes problemas?

O envolvimento da família, a integração da família com a escola e uma visão e atendimento individualizado do “aluno problema”.

9. Os conteúdos ministrados em sala de aula estão de acordo com a realidade de seus alunos?

A escola abriga uma diversidade social e cultural visível. Os conteúdos estão de acordo com a idade e com a série/ano. Alguns alunos se encaixam nessa realidade abordada nos conteúdos e outros não.

Mesmo com adaptações, não é possível contemplar todos.

10. Como você avalia seus alunos?

Testes, provas, trabalhos, cadernos são elementos comprobatórios do rendimento e aprendizagem dos alunos, mas a conversa, a explanação de um fato também dá subsídios para se perceber o crescimento na aprendizagem, no vocabulário, na clareza das idéias.

OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO.

ANEXO 2

Prezada Professora

Esta é uma pesquisa que contribuirá para o meu trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, conto com sua colaboração respondendo as questões abaixo:

ESCOLA: E.M.E.F. Barão do Rio Branco:

NOME: Geovana Tavares

IDADE: 44 anos

SERIE QUE LECIONA: 2º ano

GRAU DE ESCOLARIDADE: Superior completo – Pedagogia

1- Qual sua opinião sobre estratégias para “alunos problemas” na escrita e na leitura?

Todo o tipo de estratégia deve ser utilizado pelo professor para tentar sanar a escrita e leitura dos alunos com problemas de aprendizagem.

Quando estes “problemas estão relacionadas as questões cognitivas.

2- Em sua opinião, quais os fatores que interferem na aprendizagem dos “alunos problemas”?

Problemas cognitivos; problemas emocionais/afetivos; problemas orgânicos.

3- Em sua opinião, por que isto ocorre?

A meu ver e pelo desajuste social e familiar. Estamos num processo de adequação, onde nós professores teremos que nos adaptar a este novo sistema social.

4- A sua escola está preparada para trabalhar favoravelmente as dificuldades de aprendizagem desses alunos?

Nossa escola oferece Estudos de Recuperação, onde o professor titular atende os seus alunos podendo sanar as dificuldades no momento que aparecem.

Temos o Laboratório de Informática, com os Programas da Positivo, auxiliam nas dificuldades dos alunos.

5- Quais problemas de aprendizagem seus alunos apresentam?

Problemas de fala (gagueira); problemas de ordem orgânicas; dificuldade na aprendizagem, devido não conseguir progredir na aprendizagem. Questões emocionais que atrapalham o processo de aprendizagem com baixa estima.

6- Em sua opinião, isto ocorre?

Pelo desajuste social e familiar.

7- Que atividades a escola oferece para minimizar estes problemas?

A escola faz, quando necessário, encaminhamentos a grupos de apoio que são oferecidos pelos órgãos públicos do município, como: psicólogos e psicopedagogos.

8- Em sua opinião que sugestões você daria pra minimizar estes problemas?

Precisaria um apoio efetivo de psicólogos e psicopedagogos dentro da Escola.

9- Os conteúdos ministrados em sala de aula estão de acordo com a realidade de seus alunos?

Em nossa Escola temos autonomia para realizarmos nosso trabalho, desta forma fica na competência de cada professor adequar seu planejamento. Anualmente avaliamos os Planos de Estudo adaptando-os a nossa realidade.

10- Como você avalia seus alunos?

Participação e interesse dos alunos; na realização das tarefas; trabalhos realizados em sala de aula; observação do desempenho dos alunos.

OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO.

ANEXO 3

Prezada Professora

Esta é uma pesquisa que contribuirá para o meu trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, conto com sua colaboração respondendo as questões abaixo:

ESCOLA: E.M.E.F. Barão do Rio Branco:

NOME: Deise Van Klaveren

IDADE: 29 anos

SERIE QUE LECIONA: 2º ano

GRAU DE ESCOLARIDADE: Superior – Pedagogia

1- Qual sua opinião sobre estratégias para “alunos problemas” na escrita e na leitura?

Considero válida a possibilidade de pensar e aplicar estratégias a esses alunos.

2- Em sua opinião, quais os fatores que interferem na aprendizagem dos “alunos problemas”?

A falta de acompanhamento e incentivo familiar, em minha opinião, ocasiona desinteresse da parte do aluno para com o conteúdo escolar. A “motivação” que o aluno deveria ter é substituída pela ansiedade, desatenção, dispersão, fatores que dificultam a aprendizagem.

3- Em sua opinião, por que isto ocorre?

Pela desestruturação familiar; pelas desigualdades sociais; pela falta do cultivo de valores básicos que promovam o respeito, a ética, valorização do outro, cultura da paz, entre outros.

4- A sua escola está preparada para trabalhar favoravelmente as dificuldades de aprendizagem desses alunos?

Acredito que sim pelas evidências tomadas.

5- Quais problemas de aprendizagem seus alunos apresentam?

Dificuldade na leitura; dificuldade na produção de textos

6- Em sua opinião, isto ocorre?

Sim.

7- Que atividades a escola oferece para minimizar estes problemas?

Os professores têm liberdade e tempo de planejamento para elaborar aulas e exercícios criativos, estrategicamente direcionados às dificuldades da turma. A escola oferece aulas de “Reforço”; A escola está aberta à comunidade e receptiva aos pais visando integrar a todos, criar laços em prol do bem comum.

8- Em sua opinião que sugestões você daria pra minimizar estes problemas?

Motivar os alunos sempre; expor aos alunos a importância do estudo e da educação; aproximar a família da escola evidenciando a importância do seu apoio integral a partir do acompanhamento diário das atividades dos filhos, da importância da motivação, elogios, diálogo, carinho, hábitos e atitudes de respeito.

9- Os conteúdos ministrados em sala de aula estão de acordo com a realidade de seus alunos?

Sim.

10- Como você avalia seus alunos?

A partir da evolução apresentada em todas as atividades realizadas na escola.

OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO.

ANEXO 4

Prezada Professora

Esta é uma pesquisa que contribuirá para o meu trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia, da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, conto com sua colaboração respondendo as questões abaixo:

ESCOLA: E.M.E.F. Barão do Rio Branco:

NOME: Paula F. Rott Fogaça

IDADE: 33 anos

SERIE QUE LECIONA: Coordenadora Projeto Mais Educação

GRAU DE ESCOLARIDADE: Superior Incompleto

1- Qual sua opinião sobre estratégias para “alunos problemas” na escrita e na leitura?

Acredito que quando se trata de “alunos problemas” tudo que conseguimos com estratégias ou não é lucro. Por isso, devemos tentar de todas as formas encontrarem meios para chegarmos ao resultado positivo.

2- Em sua opinião, quais os fatores que interferem na aprendizagem dos “alunos problemas”?

Depende de cada caso. A questão familiar, genética, o contexto social, emocional de cada um são fatores que interferem diretamente na aprendizagem.

3- Em sua opinião, por que isto ocorre?

Devido ao contexto social em que vivemos, onde a Escola não se recicla e o interesse dos alunos é ter acesso a informação e não adquirir conhecimento. A escola não consegue cumprir com o seu papel.

4- A sua escola está preparada para trabalhar favoravelmente as dificuldades de aprendizagem desses alunos?

Aos poucos a escola e os professores vêm se preocupando com isso.

5- Quais problemas de aprendizagem seus alunos apresentam?

São muitos, pois são várias turmas. Atendidas. Mas o principal é a leitura, escrita, interpretação e raciocínio lógico.

6- Em sua opinião, isto ocorre?

Isso ocorre por causa de todos aqueles problemas sociais citados antes.

7- Que atividades a escola oferece para minimizar estes problemas?

Estudos de Recuperação, aulas de informática, projeto social com oficinas (judô, capoeira, dança, teatro), todas ligadas ao esporte a cultura e ao lazer.

8- Em sua opinião que sugestões você daria pra minimizar estes problemas?

Trabalhar de forma em que se potencialize o individual de cada um. Valorizando sempre o esporte e a arte.

9- Os conteúdos ministrados em sala de aula estão de acordo com a realidade de seus alunos?

Como estou fora de sala de aula (coordeno os grupos que freqüentam as oficinas) não sei dizer exatamente, mas acredito que está sendo adequado a realidade.

10- Como você avalia seus alunos?

É uma geração que não para muito para ouvir ao acesso da informação é muito rápido e seus interesses estão voltados a tudo, menos para aprender.

OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO.